

Diretoria do Ensino do Estado
de São Paulo

REVISTA DE EDUCAÇÃO

S. PAULO — BRASIL

JUNHO

1934

Vol. VI

N.º 6

S U M Á R I O

	Pág.
M. A. Teixeira Freitas — O Problema fundamental da Organização Nacional	3
Carlos A. Gomes Cardim — Uma Universidade em S. Paulo	15
Alberto Conte — Moral, Educação e Democracia Liberal	27
Otávio Silveira — Educação infantil	32
Renato Sêneca Fleury — Uma Visão de Filosofia Geral	37
Bayeux da Silva — A Escola e a Saúde	46
Juventina Santana — A orientação profissional e o que neste sentido tem feito o S. P. A. do Instituto «Caetano de Campos», em São Paulo	51
Francisco E. de Aquino Leite — Linguagem, Leitura e Escrita	70
Bernardo Pedral Sampaio — O Médico e o Professor	88
Francisco José Correia Pinto, José Pereira Gomes Sobrinho, António Joaquim Lagôa, Joaquim Clemente de Almeida Moura, Sálvio de Figueiredo, Heitor Maurício de Oliveira — Intuição	99
Paula Cecília Dias, Maria de Lourdes B. dos Santos, Renata Tenuto, Rina Kauffmann, Maria das Dores Oetterer, Maria José Paiva de Carvalho, Inez Itkis, Maria Rita Nogueira Garcez, Deocacina de Oliveira Braga, Maria Silvana Teixeira — Intuição	107
Maria Antonieta de Castro — A Higiene escolar no Uruguai e Argentina	116
Sud Mennucci — Meios de incentivar a Edificação escolar	129
Luiz Gonzaga Fleury — Súmula de Lógica clássica	143
Benedito Cândido de Moraes — Noções educativas de Modelagem	157
Francisco Antunes — Logicidade	171
Reinaldo Kuntz Busch — Aulas ativas	180
Fatos e Iniciativas — Relatório Geral dos Trabalhos do 6.º Congresso Nacional de Educação, pg. 186. — Exposição de Arquitetura Escolar, pg. 192. — Rumos e Realizações, pg. 196. — Dados discriminativos do Ensino Primário Geral no Brasil, em 1932, pg. 199. — O Movimento educativo mundial, pg. 202. — O Sistema escolar do Distrito Federal, pg. 208. — Em excursão científica pelo Oriente, pg. 213. — Correspondência inter-escolar, pg. 219. — Os funcionários públicos não podem ser procuradores, pg. 220. — Legislação Escolar, pg. 221. — Comunicado n.º 21 da Diretoria do Ensino (Inspeção e Direção Escolar) pg. 263.	
Através de Revistas — João Ribeiro (Antônio Leão Velloso), pg. 277. — A Taquigrafia na Escola Primária (Oscar Guilherme Cristiano), pg. 279. — A Metodologia da Educação Cívica (Francisco Bassleer), pg. 281. — A Arquitetura Escolar e sua função social (N. L. Engelhardt), pg. 285. — Ensino religioso nas Escolas públicas, pg. 292. — A Técnica da Psicanálise Infantil (Dr. Artur Ramos), pg. 308. — A função social da escola, pg. 315. — A renovação do ensino na Escola Normal de Pirassununga, pg. 316. — A prática do ensino individual, pg. 318. — Do ambiente escolar, e do método, segundo Ferrière, pg. 320. — A Redenção (Floriano de Lemos), pg. 322.	

S. Paulo — BRASIL

AULAS ATIVAS

De um registo de lições ao tempo em que realizávamos um ensaio de ensino ativo.

Resenha do desenvolvimento dado às aulas dos dias 16 e 17 - 3 - 931 na classe do 3.º grau masculino atrasado do Grupo Escolar «FLAMÍNIO FERREIRA», de Limeira. — — —

REINALDO KUNTZ BUSCH

Dezesseis de março. Manhã esplendida. Sól mui brando, e leve brisa mantendo agradável frescor no ambiente — o páteo do recreio. Iniciei os trabalhos do dia, como de hábito, por alguns exercícios ginásticos que as crianças já não dispensam, mesmo que se realizem na sala de aula — tal é a convicção adquirida por tôdas a respeito dos benefícios por êles proporcionados para o aumento da resistência física.

Como quisessem realizar ua marcha, ensinei-lhes logo a conversão, a pé firme, de formatura por dous de frente para a de quatro. Depois, em marcha garbosa, era de ver-se o gôsto e o acerto com que realizavam as conversões. Após pequeno descanso, fí-los tomarem distância para executarem movimentos de braços e do tronco, que logo praticaram em preparação à ginástica respiratória. Esta constou de seis respirações profundas, em posição apropriada, com intervalos de trinta segundos de repouso entre uma e outra, durante os quais pequeninas perguntas provocavam o pensamento das crianças a respeito das vantagens decorrentes da boa respiração ao ar livre e puro.

1.º PROBLEMA

Havia repontado através das nuvens o sól, ainda brando, projetando levemente a sombra de cada um de nós no sólo, quando propuz esta quéstão:

— *Como a gente pôde orientar-se de manhã?...*

A observação da direção da sombra fê-los collocarem-se de braços abertos, indicando a nascente e o poente. Pedi-lhes então que indicassem a situação de suas respectivas residências, de prédios públicos, de fábricas, bairros, chácaras e estradas, dizendo o nome do ponto cardeal ou intermediário, em cujo rumo cada cousa indicada ficasse. Foram abundantes as indicações e oportunas as objeções quando algum falseava... Como um indicasse, a seu bel prazer, a situação de uma cidade vizinha — Rio Claro — do lado norte, puz a afirmativa em discussão. Apenas uns poucos discordaram dessa indicação. É que todos tinham como ponto de referência a direção do início da estrada para essa cidade. Os discordantes alegaram que a estrada fazia curvas... Era a experiência por viagem feita, que os induzia a discordar. Fiz imaginarem uma viagem de aeroplano, um vôo direto para Rio Claro... e o pensamento da maioria não se desviava da estrada de rodagem ou da de ferro.

2.º PROBLEMA

— *Como poderemos verificar se êstes ou aqueles acertaram?*

Foi lembrado consultar-se o mapa do Estado. Trazido êste, surgiu o problema da sua colocação no chão. Várias tentativas deixei que fizessem, limitando-me eu a indagar, ao fim de cada uma, por que razão o punham assim... Um acertou com a posição, porém ao acaso, porque não soube justificá-la. É que a idéia de que o norte é em cima, no mapa, atrapalhava-os. Mas a recordação, encaminhada por mim, da indicação dos pontos cardiais na linha do horizonte, levou-os a conhecer por que se deve colocar a parte norte do mapa na respetiva direção. Constituiu-lhes isto importante descoberta!

A seguir, de grupo em grupo, os meninos puseram-se a observar e descobriram logo, no mapa estendido, os sinais indicativos da situação de Limeira e de Rio Claro. Para precisar bem a direção de um a outro sinal, usaram uma régua-metro, ao longo da qual fizeram sua mirada para o horizonte.

— “É esta a direção do vôo...” disse logo o primeiro.

Puderam então verificar o engano geral. Nem uns nem outros estavam com a verdade. Rio Claro se indicava a noroeste.

A solução da quéstão agradou a todos, tanto que enquanto uns palpitavam sôbre a direção de Piracicaba, de Vila Americana, de Campinas, Jundiaí, São Paulo, Santos, etc., outros iam verificando pelas posições em que se collocava a régua ligando o sinal de Limeira sucessivamente aos dessas cidades.

O mapa era pequeno para a observação simultânea de muitos, daí alguns se impacientarem reclamando a sua vez. Precisei con-

trolar a distribuição dos grupos que iam “arrumar” a régua. Estando junto de alguns que esperavam a sua vez, apanhei isto:

— “Se houvesse um mapa bem grande, aí sim que nós poderíamos ver bem”...

3.º PROBLEMA

Resolvi propor-lhes, então, o traçado do mapa bem grande no chão. Receberam a proposta com alegria e entusiasmo, pois um “vamos!” decidido, pude ouvir de muitas bocas. Cogitámos logo das “ferramentas” para o traçado dos acidentes. Combinámos que primeiramente riscaríamos o chão, para depois sulcá-lo; que encheríamos os sulcos dos rios com água de cal; que faríamos montículos de barro para representar as montanhas e serras...

À pergunta: — “Quantas vezes maior que êste será o nosso mapa?” — surgiram vários alvitre. Escolhi o predominante — Dez vezes maior.

Mãos à obra! Mediram a maior extensão leste-oeste (da fóz do Paranapanema ao extremo leste do município de Bananal), no mapa e acharam 0,m.90. Traçaram a gíz, sôbre essa extensão, a primeira linha do diagrama, no mapa. Incontinenti representaram-na por uma reta dez vezes maior, no chão e na devida direção. Tomaram a maior extensão norte-sul (da fóz do rio Pardo ao extremo-sul da Ilha do Cardoso), ligaram-na por uma reta, reproduzindo-a decuplamente no chão. Outras linhas foram traçadas no mapa, acompanhando-lhes o contôrno, ao mesmo tempo que eram reproduzidas proporcionalmente no sólo. Cada traçado de linha obrigava a devida medição e os necessários cálculos, que um numeroso grupo fazia escrevendo no próprio chão.

Pronto o diagrama, e conseguido o instrumental necessário para a sulcagem do sólo, o trabalho mais delicado — de observação, expressão e crítica — ia inciar-se: a representação proporcional das numerosas curvas dos rios limítrofes, bem como a das montanhas.

A princípio, várias tentativas eram necessárias para acertarem na reprodução decuplata, mais “a olho”, desta ou daquela curva; depois o treino ia diminuindo as dificuldades e alguns do meninos chegaram mesmo a traçar não pequenos trechos de rios de uma só feita e com relativo acerto. Foi quando, naturalmente, o trabalho começou a render.

A sineta anunciando o recreio surpreendeu-nos todos nessa gostosa tarefa. A maioria quis então desistir do recreio, prometendo que tomaria o lanche trabalhando. Precisei consentir que prosseguissem na tarefa logo que tomassem o lanche.

Após o recreio deixei ainda que a atividade interessada, geradora do belo esforço em cada um, se desenvolvesse em tôda sua

plenitude. Como discreto guia que queria ver cultivados pelas crianças o espírito de iniciativa e o sentimento de cooperação, não me preocupei com a morosidade do trabalho. O projeto era de vulto, de realização não tão fácil para aquelas crianças, necessitando, como eu previra de início, de mais de um dia escolar de atividade.

Satisfazia-me sobremaneira ver os trinta e sete meninos ocupados ativamente em mistéres diferentes que êles mesmos escolheram, todos visando um mesmo objetivo, — o traçado do gráfico. Uns quinze cavavam os sulcos com canivetes, pregos e pedaços de arco de barril; dous varriam e três removiam a terra solta; dous preparavam a água de cal, vários conduziam-na lançando-a nos leitos coleantes, que logo surgiam branquinhos...

Pena foi que o terreno não possuísse a inclinação suficiente para a água de cal correr da “nascente” para a “desembocadura”. Todavia, esta falha não deixou de ter proveitos: explicando-lhes que o terreno é mais alto na Serra do Mar, na da Mantiqueira, à leste, de um modo geral, propus a questão do sentido do curso das águas, nos rios representados. A resposta veio fácil com a indicação nos rios, e uma criança lembrou-se mesmo de que poderíamos fazer novo mapa em lugar onde o terreno apresentasse a inclinação necessária.

O sól já estava castigando a criançada, porisso levei-a para a sombra de uma árvore ao lado, onde entretivemos ativa palestra sôbre a maneira mais acertada de representarmos a beira-mar. Ouvidas e examinadas pelas próprias crianças várias propostas, assentámos que figuraríamos o mar por um largo sulco de resíduo da cal usada, derramando-lhe depois por cima certa porção de água de cal.

Mas a figuração das montanhas e serras com barro da própria terra cavada, não estava contentando muito, pela sua aparência pouco distinta. Propuseram, então, e foi aceito por todos que se misturasse carvão moído com cal e água, de modo a ter-se uma escura massa com que significar os acidentes montanhosos.

Uma varrição cuidadosa no gráfico e em tórno dêle foi o último trabalho do dia, pois que logo sôu a sineta anunciando o final das aulas...

Dezete de março. — Após a habitual prática de ginástica respiratória, estivemos na sala de aula estudando o fenômeno da hematose, para o que tivemos de fazer um gráfico no quadro-negro e colorí-lo de vermelho, nas artérias, veia pulmonar, aurícula e ventrículo esquerdos, e de azul nas veias, artéria pulmonar, au-

ricula e ventrículo direitos, para a representação respectivamente do sangue purificado e do venoso.

A noção de que o ar puro e bem respirado favorece a hematose (então já bem compreendida), dando saúde e vigor a todos nós, levou-nos a conhecer onde podemos encontrar ar bem puro. Relembrámos então uma página lida há dias sobre as vantagens da vida no campo. Tivemos necessidade de fazer referências a climas especiais para doentes dos pulmões, e com isso encaminhámos a observação de todos para a região de Campos do Jordão, no mapa. Ligeira descrição do aspecto e do clima dessa região. Quiseram saber como se faz a viagem para lá. Apontadas as estradas de ferro, foi logo anotada a quilometragem de cada trecho, bem como o tempo gasto para percorrê-lo. Vários se mostraram curiosos por saber em qual das estradas os trens de passageiros correm mais. Percebi a existência da "torcida" disputada em favor da "Paulista" e da "Central"... Surgiram os cálculos para achar a velocidade média, horária e por minuto, realizados com rapidez. Aproveitando o entusiasmo, apresentei mais alguns problemas simples de velocidade média.

Estando a temperatura amena, com sol brando, descemos às nove e vinte para o pátio de recreio afim de realizarmos o que fôra planejado ontem. Iniciámos a aula em torno do gráfico, recordando o que aprenderam ontem. Uma série de perguntinhas bem dosadas manteve a classe pensando e respondendo, criticando e corrigindo afirmativas, durante uns dez minutos. Em seguida distribuí o "pessoal" segundo as preferências de cada um. De instrumento em punho, todos puseram-se a trabalhar ardorosamente, consultando-se uns aos outros com liberdade. Um pequeno grupo de bons desenhistas incumbia-se da "direção" do trabalho dos demais. Era uma elite que se formára no decorrer dos trabalhos.

Logo de início um dos "diretores" descobriu um erro de meio metro na localização da divisa montanhosa com Minas Gerais, ao norte da Mantiqueira. De longe e de cima do galho de uma árvore próxima, puderam perceber melhor. Renovadas as observações e medidas no mapa-modêlo, corrigiram o traçado dessa parte da linha limítrofe. Um grupo que fazia a liga de carvão com cal e barro se incumbiu de modelar de novo as serras de Franca, Cajuru, Lopes, Caracól, etc., antes de dispor outras interiores.

Os "diretores" prosseguiram na situação das serras do Mar, Paranapiacaba, Negra, etc., no riscamento dos rios Tietê, Atibaia, Jaguarí, Piracicaba, etc., e na localização de Limeira, Rio Claro, Piracicaba, São Paulo e Santos, enquanto a turma de cavadores e modeladores ia sulcando ou enrugando o terreno. A cavagem do leito do mar delineando as sinuosidades da costa paulista exi-

giu muitos cuidados, porque pedi-lhes que representassem bem as principais ilhas — São Sebastião, Santo Amaro, São Vicente, Comprida e do Cardoso — bem como a baía de Santos com seus canais.

Nesta altura, quando eu estava intervindo para resolver uma dúvida sobre a situação já determinada de Limeira, recebemos com muito agrado a inspirada e honrosa visita do sr. Delegado do Ensino, Prof. Lázaro Ferraz de Camargo, que participou por alguns minutos do nosso trabalho, ora interrogando os meninos, ora explicando algo a respeito do que via representado alí no gráfico. As suas palavras de elogio e estímulo às crianças vivificaram-nos grandemente o ânimo, pondo-nos muito mais à vontade para imprimir uma feição realmente nova ao ensino, fugindo, sempre que possível, dêsse ambiente de isolamento das realidades da vida, que é a sala de aula...

Após o recreio, que então se iniciára, pouco puderam os meninos fazer mais, porque o sol estava tornando-os mui corados e se fazia, porisso, necessário recolhê-los à sala de aula. Aí chegados, leram e interpretaram uma página descritiva do aspecto geral do território paulista. Terminámos os trabalhos do dia estudando o papel importante do rio Tietê na facilitação das "entradas", conquistas e povoamento dos sertões pelos intrépidos bandeirantes.

Março de 1933.